

PRÁTICAS SOCIAIS NA ESCOLA: RESSIGNIFICANDO A DIMENSÃO ECOLÓGICA ATRAVÉS DA LITERATURA ANIMAL

Autora: Katiana Barbosa de Arruda

Universidade Federal da Paraíba Email: katianacazu@hotmail.com

Co-autora: Maria Suely da Costa

Universidade Estadual da Paraíba Email: mscosta3@hotmail.com

Resumo: A humanidade ocidental passa por um profundo processo de questionamento e redefinição de valores, no qual novos modelos de fundamentação e a quebra de paradigmas da ciência tradicional têm aberto diferentes horizontes e perspectivas, suscitando condutas éticas em relação ao meio ambiente e seus recursos, a fim de uma sistematização social mais pluralista e interdisciplinar. A literatura não poderia ficar de fora dessa tomada de consciência, tendo em vista que ela reflete, através da representação, as relações do ser humano com o outro, com a sociedade e com o mundo. Nesse sentido, esse trabalho buscou investigar essa representação conferida pela literatura, com o objetivo de compreender e de refletir sobre o modo como pensamos e agimos em relação ao mundo natural, aos animais e à própria humanidade, através de práticas de leitura e de escrita desenvolvidas dentro e fora do ambiente escolar. Para tanto, foram realizadas atividades cuja proposta concentrou-se em: promover o letramento literário, voltado para o potencial estético das obras selecionadas e, ao mesmo tempo, provocar indagações a respeito da questão ambiental, por meio de uma prática contextualizada, na qual o aluno pudesse se sentir inserido. Esse exercício de leitura e de escrita, embasado nas práticas sociais, foi desenvolvido em uma escola da zona rural, na cidade de Aroeiras-PB e teve como caminho metodológico uma sequência básica, na qual o gênero narrativo e a temática animal se mostraram significativos para a promoção do letramento literário.

Palavras-chave: Leitor. Letramento. Literatura. Estudos Animais. Meio Ambiente.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a humanidade tem se defrontado com novas normas de conduta impostas por uma maior conscientização em relação ao meio ambiente e seus recursos. Dessa maneira, podemos perceber já em curso uma maior ampliação da consciência em relação às questões ambientais, somada às preocupações surgidas em decorrência do processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, de transformação dos espaços sociais.

Boff (2009) acredita que estamos caminhando para um novo patamar em termos de história evolutiva dos seres humanos. Para ele, essa evolução compreende o modo como temos enxergado a nossa relação com o mundo e com os outros. O teólogo acredita em um novo pacto, o Ethos, traduzido em cuidado, cooperação, corresponsabilidade e compaixão.

Ainda, segundo Boff (2009), o Ethos pode ser visto como uma fonte originária, um espaço natural, donde promanam todos os entes e, no qual, o homem, assim como todos os outros seres, habita. Podemos compreender esse espaço como uma única casa, porém comum a todos. Nesse sentido, em analogia ao termo casa,

Bachelard (2008) acredita que o homem pode habitar o mundo tendo consciência de que ele não lhe é alheio, de modo que ainda seja possível reconhecer-se nele, passando a viver em harmonia e de acordo com o seu meio.

Para tanto, faz-se necessário romper com o pensamento antropocêntrico. Fritjof Capra, no livro *A teia da vida* (1996), explica que o nosso pensamento em relação à ecologia e ao espaço habitado ainda permanece raso e nos convida a pensar profundamente, através do que ele denomina de ecologia profunda.

Essa visão antropocêntrica que Fritjof Capra tenta renegar veementemente ainda vigora na ciência e permanece em meio a outras concepções. Dessa forma, Milaré (2014), ao destacar as várias concepções existentes sobre natureza e meio ambiente, elege a antropocêntrica como sendo uma das mais imperantes em termos de prevalência.

Na visão antropocêntrica, o homem é visto como ser absoluto, o centro do Universo e, desse modo, é posto em uma condição privilegiada e superior aos demais seres. Apesar de essa corrente estar perdendo espaço, frente às concepções de mundo mais contemporâneas, ainda é forte o predomínio desse pensamento, sobretudo, no mundo ocidental, de modo que é comum encontrarmos um posicionamento mais voltado para essa visão determinista e nos depararmos com respostas nas quais o homem não é visto como parte da natureza.

A principal causa dessa separação entre homem e natureza pode ser atribuída ao “desenvolvimento científico-tecnológico submetido ao controle do capital, para efeitos de produção e criação de riquezas artificiais, desembocando nessa lamentável ‘coisificação’ da natureza e seus encantos” (MILARÉ, 2014, p.107)

Tal concepção de natureza como objeto de consumo, destituída de valor e extemporânea ao homem, vem sendo posta à prova, desde a chegada da visão ecocêntrica. Essa visão atribui valor a natureza e a inclui como parte de um sistema, cujo homem é mais um entre todos os seres que a compõe, ou seja, um sistema, como a própria palavra denota, no qual cada qual possui um papel, uma função no mundo.

De acordo com Reigota (2010), tanto a visão antropocêntrica como a ecocêntrica estão condicionadas à representação social do indivíduo, ou seja, mesmo que esses conceitos e concepções sejam criados e abarcados pela comunidade científica, serão as pessoas, a partir da percepção que possuem a respeito do espaço ocupado, que farão com que uma visão se sobressaia em detrimento de outra.

A compreensão é a de que, por meio da educação pela arte, construam-se leituras nas quais se possam refinar os sentimentos do ser humano

e harmonizá-lo com sua natureza e a cultura, dois aspectos essenciais que constituem a totalidade humana.

Pensando nisso, escolhemos trabalhar o conto “O Búfalo”, da autora Clarice Lispector e, como motivação, para a leitura do texto escolhido, levar os alunos para um passeio no Parque Zoobotânico Arruda Câmara, localizado na Capital do estado da Paraíba.

METODOLOGIA

Em função das atividades a serem realizadas, o trabalho teve um caráter interventivo, de modo que, escolhemos tomar como base as orientações de Cosson (2014), acerca da formação de círculos de leitura para o letramento literário.

De acordo com o autor, os círculos de leitura podem funcionar dentro e fora da escola e, ainda, possuir um caráter formativo. Para Cosson (2014), em se tratando de ensinar literatura, os círculos se apresentam como alternativa, pois não se restringem à palavra escrita. Dessa forma, podem ser utilizados para a leitura de textos literários, mas também para a leitura de filmes, canções, desenhos, pinturas e, até mesmo, passeios culturais.

Diante de todas essas possibilidades, trabalhamos com um modelo semelhante aos círculos de leitura estruturados, cuja base esteve organizada da seguinte maneira: leitura dos textos, discussão e registro escrito das impressões sobre o texto em diário de leitura, privilegiando, dessa forma, uma abordagem reflexiva.

A proposta de intervenção baseou-se em um texto cuja temática privilegia os animais enquanto seres dotados de sabedoria, sensibilidade e inteligência e, dessa forma, apresentasse os animais como seres portadores de direitos intrínsecos, prerrogativa conferida, até então, apenas aos seres humanos. Dessa maneira, o texto selecionado possui uma temática que possibilita uma reflexão acerca do tratamento conferido aos animais não humanos.

Já em relação à atividade motivação, optamos por um passeio ao Zoológico. Um dos objetivos estava em sensibilizar os alunos em relação à preservação e ao cuidado com as demais espécies de animais. Em função disso, planejamos uma atividade que proporcionasse, ao mesmo tempo, entretenimento e instrução, e que pudesse ser direcionada por um profissional especialista em bem-estar e comportamento animal, considerando que o ambiente do zoológico poderia ocasionar um impacto negativo e pouco reflexivo a respeito da situação dos animais que lá se encontram, mantidos em confinamento permanente.

A ideia era que os alunos tivessem a oportunidade de aprender e refletir um pouco mais

a respeito de cada espécie, suas características, hábitos, comportamento e *habitat* natural.

O encontro aconteceu em um domingo. O ônibus, cedido pela prefeitura de Aroeiras, saiu às 6h da manhã e chegou ao Parque Arruda Câmara, o zoológico de João Pessoa, às 9h. Participaram do passeio vinte e oito alunos e quatro professores, das disciplinas de: português, ciências, artes e história.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Sabendo da importância da leitura dos textos literários para a formação crítica do indivíduo e reconhecendo as dificuldades encontradas pela escola em manter a literatura como disciplina educativa, o caminho que se mostrou construtivo para se promover o letramento literário se efetivou a partir de uma temática contextualizada, com a aplicação de uma sequência básica que privilegiou a motivação como estratégia de leitura do texto literário.

Quanto à recepção do conto de Clarice Lispector, os alunos revelaram ter gostado da temática abordada, destacando principalmente o zoológico como cenário. Acreditamos que muito dessa preferência tenha se dado devido à etapa de motivação, à qual possibilitou a aproximação com os temas, de maneira que puderam dar maior significado ao conto.

Sobre a utilização do diário de leitura como ferramenta pedagógica de auxílio à compreensão do processo de leitura, observamos ter sido um dos pontos que muito contribuiu para o entendimento e reflexão crítica do texto literário, uma vez que se tornou uma ponte entre o aluno, o texto e o contexto de discussões.

Através do diário de leitura, os alunos puderam manifestar sua compreensão e incompreensões em relação à leitura do conto, concordar ou discordar com determinado ponto ou posicionamento da narrativa e/ou das personagens, expressar reações e emoções, relacionar o que foi lido às experiências pessoais, realizando um exercício de leitura e interpretação textual pela inter-relação do mundo ficcional com o real. Essa dinâmica tende a resgatar o texto literário das várias redomas em que se acha preso no cotidiano da escola, transformando o ato de ler num processo vivo, dinâmico e prazeroso.

A temática voltada para os estudos animais, com uma abordagem de caráter mais transdisciplinar, contribuiu para uma melhor compreensão do objeto literário no sentido de inserir novas discussões referentes à literatura em sala de aula, proporcionando uma maior reflexão das questões ambientais e, em especial, ao tratamento conferido pelo homem à natureza e aos animais. Exercício este na linha do que

propõe a educação ambiental, considerando que estimular a reflexão crítica dos participantes acerca do meio ambiente pode muito contribuir para o debate contemporâneo sobre como habitar a terra de um modo responsável, cuidadoso e solidário.

Dentre as dificuldades encontradas, destacamos a leitura silenciosa como estratégia de contato primeiro com o texto literário. Como os alunos se mostraram reticentes a essa prática, o que revela a necessidade de se trabalhar mais esse contato individual leitor/texto, a estratégia passou à prática de leitura em voz alta do texto literário em sua integralidade na sala de aula.

As atividades realizadas demonstraram atender aos objetivos da proposta de intervenção em promover o letramento literário e ao mesmo tempo trazer para a discussão a questão ambiental por meio de uma prática contextualizada, isso porque o foco esteve não somente voltado para o potencial estético do texto literário, mas também em suscitar indagações variadas, inclusive ecológicas.

Assim, como aponta Cosson (2014), quem não lê, permanece distante de algo ainda mais essencial do que a educação escolarizada, que é a capacidade de se sentir inserido em seu ambiente social e dele fazer parte como cidadão consciente, sensível e atuante, entende-se que a contribuição desta pesquisa está em apresentar um exercício de leitura pela temática animal, como foco para a formação do leitor de textos literários.

DISCUSSÃO

O conto “O Búfalo”, de Clarice Lispector, é um dos treze contos que compõem a obra *Laços de Família*, publicada em 1960 e considerada uma das mais importantes e significativas produções da autora. O texto confere alguns aspectos relevantes sobre semelhanças, diferenças, comunicações visual e gestual, interação entre homens e animais, além de alvitrar sentimentos de gentileza, simpatia, respeito e perdão, ou seja, muito a serem observados.

Em seu tratado sobre percepção, valores e meio ambiente, Tuan (1980) reconhece que nosso universo de percepções em muito se difere do universo de percepção dos animais, embora tenhamos os mesmos cinco sentidos: tato, paladar, visão, audição e olfato, os animais os utilizam de maneira singular, de modo que é impossível nos transportarmos de maneira plena para o mundo dos cheiros, dos sons e das visões das outras espécies.

Entretanto, isso não impede de nos colocarmos no lugar desses seres, através da subjetividade, da boa vontade e, sobretudo, do ato de olhar, um desafio a um verdadeiro

exercício de aprendizado, sensibilidade e respeito ao outro.

Nesse sentido, o conto de Clarice Lispector apresenta-se como uma espécie de catálogo dos animais encontrados nos zoológicos, um bestiário, no qual o leitor é levado a repensar algumas características e comportamentos desses animais, contrapondo expectativas, saberes populares, mitos e lendas.

A personagem principal do conto é uma mulher, sem nome, que vai ao zoológico com a intenção de aprender a odiar, tendo em vista a situação de confinamento a que estão submetidos os animais nesses parques de exposição. Ao chegar ao zoológico, ela se vê frente à amorosidade do leão, à inocência da girafa e à humildade do rinoceronte, dando vazão ao olhar e ao contato, experiências capazes de ressignificar valores, atitudes, comportamentos e sentimentos.

Para a leitura, foram distribuídas cópias do texto “O Búfalo” e pedimos aos alunos que fizessem uma leitura silenciosa do conto. Antes, iniciamos um breve comentário, pré-texto, a respeito do título e das possibilidades de temas que poderiam ser abordados: santuário, safári ou zoológico, segundo esse mesmo título.

Além disso, fizemos circular o livro “Laços de Família”, para que os alunos pudessem observar a orelha, o sumário, a biografia da autora, o número de páginas, entre outros dados que serviriam também para as anotações no diário. Logo em seguida, pedimos aos alunos que, no momento da leitura, refletissem sobre o título que encabeça a obra e tentassem associá-lo ao conto que estavam lendo.

Durante essa primeira conversa, os alunos mostraram-se muito empolgados com o tema, seja descrevendo o búfalo e as capacidades desse animal, comparando aos bovinos em relação à força, lamentando nunca terem ido ao zoológico, ou mencionando séries e vídeos já vistos pela televisão sobre o tema.

Após a leitura silenciosa, apresentamos um questionário com onze perguntas, todas voltadas para a recepção do texto literário, seis delas objetivas e as outras cinco abertas para que o aluno pudesse se expressar sobre as primeiras impressões que tivera ao ler o conto.

Dos 28 alunos que participaram 23 responderam ter sentido dificuldade ao ler o texto. Desses, dezessete atribuíram dificuldade pela *falta de clareza do autor*, sendo, portanto, essa uma das principais queixas. Elegeram, como principal empecilho, as palavras utilizadas, as quais, segundo eles, mostraram-se *pouco usuais*, sendo essa alternativa assinalada por 14 dos participantes. E, a terceira alternativa mais assinalada foi a que atribuía a dificuldade ao

pensamento muito abstrato do autor, sendo que apenas 06 alunos escolheram essa opção.

Quando questionados sobre a sensação sentida ao receber o texto, 11 assinalaram ter sentido *curiosidade*, 08 *preguiça* e 12 assinalaram *cansaço*, *desinteresse inicial* e *curiosidade* por se tratar de um conto.

Apesar de alguns alunos terem sentido curiosidade ao receber o conto, notamos que uma parte significativa mostrou-se avessa à leitura silenciosa do texto. Entretanto, de acordo com Cosson (2014), essa resistência em relação à leitura silenciosa é comum de ocorrer, sobretudo, após o processo de alfabetização, período no qual “a leitura da voz precede à leitura dos olhos, com a professora lendo para seus alunos em várias ocasiões” (Cosson, 2014, p.98)

Diante disso, na roda de discussões, falamos sobre a importância da leitura silenciosa para o enriquecimento do vocabulário, para a autonomia do leitor e, até mesmo, por uma questão de praticidade e habilidade. Durante os ciclos, entendemos a importância de se pensar novas estratégias para a leitura silenciosa.

Em relação à falta de compreensão dos vocábulos, mencionado por alguns dos alunos, entendemos que, apesar de se tratar de um conto escrito na década de 1960, o texto não apresenta palavras, sintaxe, temas ou estrutura narrativa muito complexos. Desse modo, a justificativa dos alunos da falta de compreensão do conto fora atribuída tão somente à presença de vocábulos desconhecidos, o que não demonstrou ser um motivo difícil de ser resolvido, considerando que a orientação de consultar o dicionário sanou a questão. Até porque, destacaram apenas as palavras “carnificina” e “tepidez”, como sendo de difícil compreensão, as quais, por si sós, não seriam suficientes para prejudicar a fluência da leitura.

No tocante à falta de clareza e ao pensamento muito abstrato do autor, apontados como primeiro e terceiro motivos mais assinalados - respectivamente, entendemos como aceitável devido ao efeito de estranheza causado pelas epifanias clariceanas. Apesar disso, identificamos que o desfecho “sem sentido” trazido pelo texto não foi, de todo, o responsável pela má recepção do texto literário, tendo em vista que muitos alunos mostraram-se reticentes em relação ao conto, demonstrando pouco ou nenhum interesse em finalizar a leitura; o que revela a necessidade de um maior exercício de leitura em sala.

Por fim, ficou constatado que a leitura silenciosa como estratégia de recepção e percepção inicial do texto literário mostrou-se desafiadora. No entanto, entendemos que a situação do ensino de literatura na escola ainda não é uma realidade com a qual o aluno tem se deparado como prática comum, tendo em vista que são poucos os momentos e espaços reservados à leitura na escola.

Em relação à visita feita ao zoológico, os alunos puderam ver de perto: macacos, leões, gato-do-mato, cobras, elefante, quati, raposa e muitas outras espécies, algumas em risco de extinção. Em cada recinto recebiam explicação sobre o nome científico da espécie, habitat natural, comportamento, hábitos alimentares, bem-estar e preservação, de modo que o passeio proporcionou um exercício de aprendizagem e percepção.

De acordo com Tuan (1980), a percepção é uma atividade que se estende para o mundo e, como atividade, deve ser exercitada, sob pena de ficar atrofiada. Para ele, o modo de olhar, tocar, sentir e ouvir pode dizer muito sobre quem somos, a que lugar pertencemos e sobre a nossa dimensão cultural.

De tal modo, podemos compreender a preferência ambiental de uma pessoa, através da criação, educação, trabalho e, sobretudo, dos arredores físicos. Entretanto, conforme o autor, em relação às preferências e atitudes, faz-se necessário conhecer a história cultural e a experiência de cada grupo no contexto de seu ambiente físico. Lestel (2001) explica que, diferente de como acontece com os animais, que possuem uma única percepção de meio ambiente, o homem possui várias, pois adota o seu espaço como um ponto de vista.

Dessa forma, podemos dizer que o homem revela uma animalidade mais acurada, à medida que sua percepção não é sentida, mas sim construída a partir de representações e ações. Tudo isso porque o animal, conforme Lestel (2001), é mais sensível, enquanto que o homem é mais visual, porque evoluiu não pela presença, mas pela realidade do que vê. Embora homens e animais possam reconhecer o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos, no dia a dia, o homem utiliza somente uma pequena porção do seu poder inato para experimentar.

No que concerne à percepção sobre o ambiente do zoológico, destacamos a ideia de mundo natural, no sentido de natureza intocável, revelado pelos alunos nos diários, ou seja, um ambiente não contaminado pela civilização, onde os animais vivem bem e harmonicamente, como colocou uma aluna A: *o jeito que cada animal vivia ali, confortáveis*, assim como a aluna B: *muita beleza natural coisa difícil de se ver e um cheiro que trazia paz e tranquilidade a forma com que os animais olhão*.

Essa percepção, de acordo com Aragão (2014), dá-se também em consequência da reorganização dos parques zoológicos, os quais deixaram de ser locais de coleção e exposição de animais e passaram a oferecer um espaço no qual a natureza e os animais são recebidos e apresentados como parte de um ambiente originário, *habitat* natural das espécies

que ali se encontram, com um persistente cuidado em proporcionar o bem-estar dos animais e dos visitantes.

De outro modo, essa ideia de ambiente originário, natural, intocável tem sido repassada pelo texto literário, assim como, alvo de estudo dos ecocríticos, os quais entendem esse *status quo* como uma estratégia de preservação.

Para Aragão (2014), a atratividade oferecida pelos zoológicos também é um meio de chamar a atenção dos visitantes para as questões ambientais, sensibilizando-os e divulgando mensagens educativas em prol da proteção e conservação do meio ambiente.

Sobre a recepção em relação aos animais do zoológico, notamos que os alunos apresentaram um maior apreço pelas espécies exóticas, sobretudo, as de origem africana, como o elefante e o leão; assim como pelos silvestres, como a cobra, o macaco, a jaguatirica. Essa preferência pode ser vista na maneira como os alunos descrevem esses animais: ‘*não sabia que o urubu poderia obedecer a uma pessoa, de tal forma, e que os macacos quando estão pescando eles tratão do peixe de tal forma*’ (Aluna C), ‘*lá tinha macaco que fazia pose para tirar foto*’ (Aluna D). Essas espécies foram consideradas pelos alunos como simpáticas e carismáticas.

E, apesar de algumas espécies já fazerem parte do contexto social dos alunos, a exemplo do urubu, bastante presente na região de Aroeiras, a percepção que tiveram ao vê-lo de perto foi outra. Sobre isso, Tuan (1980) explica que o despertar para as cenas comuns não depende das lembranças ou de incidentes humanas, dessa maneira, os aspectos que antes passavam despercebidos ou pouco atrativos pode se revelar em *insights* quando combinado o prazer estético e a curiosidade científica.

Por isso, a importância da prática social, associada à leitura, uma vez que as produções de sentido também se produzem “fora-do-texto”, em práticas sociais não letradas.

CONCLUSÃO

É importante mencionar o resultado do forte apelo causado pela Literatura, através da narrativa, como traço marcante no processo de comunicação entre mundo, texto e leitor. Este aspecto aponta também para a relevância da temática animal na formação de reflexões mais conscientes e éticas em relação às atitudes para com o outro, o desconhecido, o diferente.

Experienciando o texto, com interesse, cuidado e disposição, os alunos podem demonstrar seu crescimento enquanto leitores críticos e mais proficientes do texto literário.

Dessa forma, constatamos a importância de se atribuir significado ao texto e de mostrar ao aluno que ler não é decifrar o sentido de um texto, mas sim ser capaz de atribuir significado a ele, de modo a ser possível reconhecer-se nele, considerando, conforme Lajolo (2009), que cada leitor é *o leitor* e possui autonomia para rebelar-se ou não contra o texto, propondo outras leituras.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Georgia Maria de Oliveira (2014). **Percepção Ambiental de visitantes do Zoológico de Brasília-DF**. Dissertação. (Mestrado em Agroecossistemas). Florianópolis/ SC. 98 p.
- Bachelard, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins fontes, 2008
- BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Tradução de Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?** ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. In.: Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.
- LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. MACIEL, Maria Esther. In.: **Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- MILARÉ, Édis. **Direito do Ambiente**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.